



## A PALAVRA É DE VOCÊS: APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Hamanda de Sena Sousa <sup>1</sup>  
Pablo Soares Costa <sup>2</sup>  
Maria Eduarda Lopes Tomaz <sup>3</sup>  
Mirelle da Silva Freitas <sup>4</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência expõe práticas pedagógicas com foco no desenvolvimento da autonomia dos estudantes que foram utilizadas em aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio. As atividades “Você Decide” e “Júri Simulado” foram desenvolvidas pelos bolsistas de iniciação à docência do curso de Licenciatura em Letras numa escola pública no estado do Tocantins, visando promover o desenvolvimento de habilidades de argumentação e letramento, além de estimular a formação de lideranças entre alunos. A fundamentação teórica inclui autores como Dewey (1950), Freire (2009) e Rogers (1973), que apoiam a centralidade do aluno na aprendizagem, bem como Rojo (2004) e Kleiman (2005) sobre o letramento e a educação em língua materna. O objetivo é discutir como essas abordagens superam o ensino bancário promovendo a proatividade, o pensamento crítico-reflexivo e a autonomia dos alunos. O trabalho, sob uma abordagem qualitativa, revisou estudos teóricos para elaboração e desenvolvimento das atividades e reflexões pós-aplicação, assim como utilizou as tarefas dos alunos para avaliação dos resultados de aprendizagem. Os resultados evidenciam que há maior engajamento dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa quando há espaço para participação ativa e identificação com os temas transversais abordados, observados na participação ativa de estudantes que se apresentavam mais apáticos durante as aulas de Língua Portuguesa. Por outro lado, a estrutura escolar, a organização dos tempos de aula, o acesso a recursos didáticos e o tempo de planejamento apresentam-se como desafios na implementação deste tipo de atividade com regularidade nas aulas de Língua Portuguesa na escola. Não obstante os desafios expostos, os resultados são positivos para a aprendizagem quando se observa tanto o engajamento quanto a produção dos alunos.

**Palavras-chave:** Metodologia Ativa, Pensamento Crítico, Protagonismo Estudantil.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Tocantins - IFTO/TO, [hamanda.sousa@estudante.ifto.edu.br](mailto:hamanda.sousa@estudante.ifto.edu.br);

<sup>2</sup> Graduando em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Tocantins - IFTO/TO, [pablo.costa3@estudante.ifto.edu.br](mailto:pablo.costa3@estudante.ifto.edu.br);

<sup>3</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Tocantins - IFTO/TO, professora da Secretaria de Educação do Tocantins - SEDUC Tocantins, [maria.eduarda@professor.to.gov.br](mailto:maria.eduarda@professor.to.gov.br);

<sup>4</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília - UnB, professora do Instituto Federal do Tocantins - IFTO, [mirelle.freitas@ifto.edu.br](mailto:mirelle.freitas@ifto.edu.br).



A popular frase do cartunista Ziraldo, “ler é mais importante que estudar”, evidencia um desafio que tem se prolongado na história da escola brasileira: a distância entre o que é aprendido na instituição e os conhecimentos de mundo (Rojo, 2004), principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, em que a leitura e a cultura estão apartadas da gramática.

Esse quadro é fruto de um sistema de ensino que realiza um processo de codificação e decodificação a despeito do letramento do aluno, acabando por não promover o pensar-crítico, mas sim a replicação. Apesar dos avanços nas discussões sobre os modelos bancários presentes na educação básica e a constante revolução tecnológica que o mundo como um todo tem enfrentado – agora o professor não é mais o único portador do conhecimento em uma *cybercultura* (Sebastião; Pesce, 1997) – ainda faz-se necessário práticas metodológicas na sala de aula que rompam com o educar de “depósito”.

Para Kleiman (2005), ensinar a ler e a escrever tornou-se insuficiente para letrar. Em uma sociedade cujos meios de comunicação são instantâneos e com crescente uso de Inteligência Artificial, como se imaginar uma educação eficiente que não aborda esses temas transversais e as vivências cidadãs?

Como desafios nacionais, essa realidade não é diferente nos colégios estaduais de Palmas, Tocantins, agravando-se nas periferias, onde o contexto e a ausência de políticas públicas afetam de maneira distinta a comunidade. Logo, quando iniciamos nossas observações no colégio, notamos o desinteresse dos estudantes pelos conteúdos e suas dificuldades em associar o espaço escolar à vida externa.

Isso se exemplificou em uma aula de Redação, em que notamos certa insistência por parte dos alunos em utilizar como método para o texto discursivo-argumentativo o “modelo pronto”, não como um protótipo a se inspirar, todavia um simples plágio, como se nenhuma de suas vivências – discussões sobre a precariedade da própria escola, temas populares na internet que debatiam com frequência, etc – envolvessem o tema ou pudessem também serem usadas como uma espécie de molde ou fonte para o texto.

Paulo Freire (1987) defende uma educação contextualizada para o efetivo aprender; não é possível alcançar por completo aqueles que são historicamente negados de seus direitos sem observar sua realidade. Para muitos alunos da educação pública, a redação está resumida





ao vestibular, nada mais. Não lhes são apresentadas as habilidades ali desenvolvidas e o poder de convencimento, como a argumentação é praticada na oralidade (algo que é muitas vezes

esquecido nas aulas de Língua Portuguesa e principalmente, como ela já existe em suas experiências. Ou seja, é necessário uma abordagem que signifique esses conceitos (Rogers, 1973).

Para trabalhar a reflexão crítica e o poder argumentativo (escrito e oral) dos alunos, foram adotados dois modelos de atividade: o jogo "Você Decide" e o "Júri Simulado". A primeira proposta consistia em um jogo lúdico no qual a Terra estava prestes a colapsar, e o capitão de uma aeronave precisava selecionar seis dos dez personagens disponíveis para repovoar Marte. Devido ao caráter dual dos personagens, a atividade abordou temas sociais como machismo, capacitismo, homofobia e, principalmente, a leitura crítica. A segunda prática, o "Júri Simulado", interligada ao "Você Decide", buscou aprofundar a reflexão crítica dos alunos, tendo como tema a "Inteligência Artificial na Educação". Em resumo, ambas as metodologias se mostraram vantajosas, pois promoveram ativamente debates entre professores e alunos, e essencialmente entre os próprios alunos. Ao final, "Você Decide" e "Júri Simulado" não só engajaram a turma nos assuntos propostos, mas também evidenciaram a necessidade de práticas semelhantes no contexto educacional atual, contribuindo para a contextualização dos conhecimentos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho constitui um relato de experiência que adota uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”, focada na descrição e análise de práticas pedagógicas desenvolvidas.

A metodologia de aula empregada visou promover a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes do Ensino Médio por meio das duas atividades distintas, conforme será detalhado mais à frente. A experiência foi realizada em uma escola pública estadual localizada em Palmas, capital do estado do Tocantins, na disciplina de Língua Portuguesa, e a

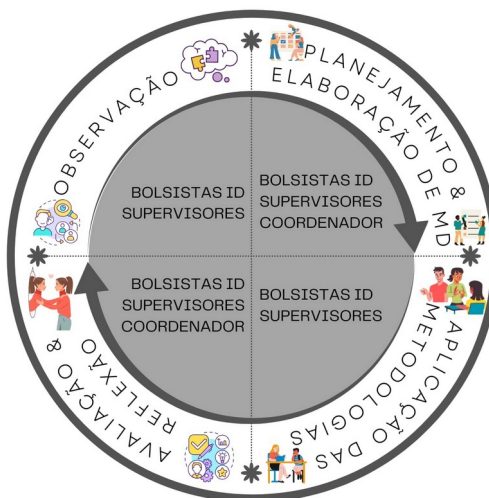


equipe do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi responsável pelo planejamento, aplicação e avaliação das atividades.

As estratégias pedagógicas tiveram como objetivo a centralidade do aluno no processo de ensino-aprendizagem, fundamentadas teoricamente por autores como Dewey (1950), Freire (2009) e Rogers (1973). As metodologias escolhidas para a aula, “Você Decide” e “Júri Simulado”, estão coesas a esse objetivo, ambas trabalhando a oralidade, escrita e poder argumentativo do estudante além do próprio engajamento com a prática. Em suma, a análise qualitativa concentrou-se no potencial das práticas em promover a participação ativa dos estudantes desenvolvendo a autonomia, conforme as reflexões pós-aplicação realizadas pela equipe de bolsistas (iniciação à docência, supervisor e coordenador).

As atividades foram desenvolvidas durante dois ciclos do PIBID, vinculados ao curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) - Campus Palmas, e implementadas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio do turno vespertino da escola Centro de Ensino Médio de Taquaralto, localizada na região Sul de Palmas, Tocantins. As ações ocorreram entre janeiro e junho de 2025, divididas entre o 1º ciclo (janeiro a abril) e o 2º ciclo (abril a junho), como explicita a imagem a seguir:

**Figura 1 - Ciclo de Atividades do Projeto**



Fonte: Freitas, 2024.





O conjunto de aulas buscou articular teoria e prática, proporcionando situações de aprendizagem voltadas ao desenvolvimento de habilidades argumentativas, interpretativas e reflexivas, com ênfase no uso de gêneros textuais que possam contribuir para a construção do pensamento crítico e a ampliação da competência comunicativa.

A primeira aplicação do 1º ciclo teve como tema “Operadores Argumentativos: Desenvolvendo habilidades de argumentação”, utilizando a dinâmica “Você Decide”, em que os alunos escolhiam quais personagens levariam para um novo planeta e justificavam suas decisões. A proposta visava introduzir as habilidades de argumentação por meio do debate mediado, estimulando a oralidade, a empatia e o respeito à diversidade de opiniões. Em seguida, com base nas discussões, os estudantes produziram uma redação dissertativo-argumentativa (modelo ENEM) sobre “Os obstáculos enfrentados na promoção da diversidade e inclusão nas escolas”.

A segunda atividade abordou o gênero textual depoimento, com o tema “Pensamento crítico sobre o uso da Inteligência Artificial”. A proposta iniciou com a leitura e análise da reportagem “Especialistas destacam prós e contras da Inteligência Artificial na educação”, levando os alunos a identificar fatos e opiniões e refletir sobre os impactos éticos e sociais. Em seguida, foi realizado um júri simulado com o tema “Prós e contras do uso da Inteligência Artificial”, que teve como objetivo fortalecer a argumentação oral e o trabalho colaborativo. Divididos em grupos, os estudantes atuaram como advogados e testemunhas, pesquisando e defendendo argumentos embasados em evidências. Essa etapa integrou oralidade, escrita, escuta ativa e criatividade, consolidando os conhecimentos das aulas anteriores.

Dessa forma, as atividades foram realizadas utilizando recursos didáticos que incluíam quadro branco, pincéis, textos impressos, projetor multimídia, chromebooks, caixa de som e materiais elaborados pelos pibidianos. O planejamento e a execução dessas atividades ocorreram de forma colaborativa entre os licenciandos (futuros professores), a professora supervisora e a coordenadora do projeto. Essa colaboração garantiu um acompanhamento dos supervisores e uma reflexão coletiva sobre as práticas pedagógicas empreendidas. Essa abordagem, que se centrou no protagonismo dos estudantes, proporcionou um aprendizado significativo, focado no desenvolvimento da prática argumentativa e da criticidade em relação a temas contemporâneos.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Baseado nos documentos norteadores do ensino médio regular para as escolas públicas do Tocantins que objetivam o protagonismo estudantil (Tocantins, 2023), é necessário pensar o espaço da sala de aula tomando como partida o engajamento do aluno para sua plena aprendizagem. Sendo assim, uma educação que visualiza o estudante apenas como um repositório de conhecimento, não compreendendo a extensão do sujeito, tornou-se obsoleta.

O ensino contemporâneo de Língua Portuguesa exige a compreensão de que a língua é uma prática social viva – e não apenas gramática – fundamental para dialogar com o mundo e produzir sentidos. Essa perspectiva alinha-se à metodologia ativa, que, conforme Moran (2018), torna os estudantes protagonistas da própria aprendizagem. Assim, o processo de ensino deve focar em experiências significativas, colaborativas e reflexivas, nas quais o aprendizado se dá por meio da experimentação, debate e prática.

Essa abordagem pedagógica se fundamenta nas ideias de Dewey (1950), que vê a educação pela experiência e reflexão com o professor como mediador do pensamento crítico, e converge com Freire (2009), que defende a prática educativa como dialógica e libertadora. Ambos os autores rejeitam o modelo tradicional, posicionando os estudantes como sujeitos ativos do conhecimento e valorizando a problematização da realidade. Para o ensino de Língua Portuguesa, isso é crucial para que a língua seja vista não só como comunicação, mas como um instrumento de transformação social. Adicionalmente, o modelo se apoia em Rogers (1973) e em Freire (2009), que enfatizam a necessidade de um ambiente afetivo e empático, no qual o professor é um facilitador e o aluno se sente acolhido para expressar ideias e aprender com erros. Essa postura transforma a sala de aula de Língua Portuguesa em um espaço de confiança e reflexão.

Para mais, Rojo (2004) e Kleiman (2005) defendem que o ensino de Língua Portuguesa deve ir além da norma e da alfabetização técnica, entendendo a língua como prática social e cultural. Para as autoras, é essencial que as atividades de leitura e escrita dialoguem com as vivências dos alunos, promovendo o letramento crítico. Assim, ao participar de práticas como o “*Você Decide*” e o “*Júri Simulado*”, os estudantes desenvolvem argumentação, reflexão e compreensão da linguagem como instrumento de atuação social.





As metodologias ativas, segundo Moran (2018), tornam a aprendizagem mais significativa ao envolver o estudante em práticas colaborativas e reflexivas que dialogam com

as mudanças tecnológicas e culturais. Em sintonia com Dewey e Freire, essas propostas valorizam a experiência, o diálogo e a problematização. Assim, ao aplicar atividades como o “*Você Decide*” e o “*Júri Simulado*”, o ensino de Língua Portuguesa favorece o protagonismo discente e a vivência da linguagem como prática crítica e transformadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente notou-se um baixo engajamento dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa, parte disso atribuímos não só à metodologia empregada, que necessita estar em constante mudança (Moran, 2015), mas sobretudo ao receio por parte dos alunos em participar e acabar “errando” a resposta. Logo quando chegamos, vimos a professora regente indagá-los no início de cada aula acerca de assuntos diversos da cultura popular – como notícias recentes, influencers e cantores – temas esses que pontuaram ativamente e com segurança, porém ao interligar os mesmos assuntos para a aula, como o gênero dissertativo-argumentativo, silenciavam-se. Então observou-se não a ignorância, e sim a recusa dos alunos a reconhecerem seus saberes e a vergonha de cometer um “erro” em sua participação na aula.

Essa questão é problemática para o atual modelo educativo, que objetiva o protagonismo estudantil (Tocantins, 2023). Ainda sobre isso, Freire (2009) defende que o ato de educar é um diálogo, em outras palavras, o professor se posiciona com o aluno tal como numa via de mão dupla. O aluno não ocupa a carteira como um ser vazio cuja mente será preenchida, é um sujeito constituído de conhecimento, de filosofia e experiências. Sendo assim, o professor não fala *para* o aluno, e sim *com* ele (Freire, 1983).

A partir da perspectiva de protagonismo estudantil constante no Projeto Político-Pedagógico da escola (Tocantins, 2023) e dos pressupostos de Freire (1983) sobre o dialogismo inerente ao ato de educar, aqui assumimos o erro não como um pecado, porém como parte indissociável do processo de aprendizagem. Visto isso, elaboramos uma atividade





que concebesse como fundamento os conhecimentos prévios e opinião crítica-reflexiva, para que o debate iniciasse por eles e entre eles, em que a noção do que é "certo" e/ou "errado" se

misturasse de maneira tal que cada escolha fosse duvidosa, os obrigando a refletir. Utilizamos o conteúdo do gênero dissertativo-argumentativo, tendo como objetivo geral o desenvolvimento do poder argumentativo, tanto oral quanto escrito. Para abarcar esses conceitos, a atividade “Você Decide” foi sugerida para contextualizar o tema.

Essa atividade esquematiza de maneira lúdica a capacidade argumentativa do jogador através de um cenário apocalíptico. Em “Você Decide”, o planeta Terra está prestes a colapsar e, como única forma de salvar a humanidade, é preciso selecionar entre 10 personagens, 6 para reerguerem a civilização em Marte. A maior questão gira em torno das vantagens e desvantagens na representação de cada personagem com relação ao objetivo proposto.

Seguem as descrições dos personagens: Sacerdote com 75 anos de idade; Enfermeira recém-formada, fez voto de castidade; Médico alcoólatra que só irá se à esposa o acompanhar; Esposa do médico, grávida, saiu recentemente do hospital psiquiátrico; Paralítica com alto nível intelectual; Lixeiro, 20 anos, dotado de excelente porte físico; Policial acusado de homicídio, que só irá se levar sua arma de fogo; Jovem estudante universitária transgênero que vive de prostituição; Jogador profissional de futebol, soropositivo para HIV, que não pode ser contrariado; Inteligente e bela estrela de cinema, viciada em narcóticos.

Por exemplo, a Esposa do Médico, que possui como descrição: "grávida, saiu recentemente do hospital psiquiátrico", evidencia que, por um lado, possuir uma mulher grávida na aeronave é positivo por conta do objetivo do jogo, repopular um novo planeta. Entretanto, suas condições superam os perigos que pode apresentar? Entre outros personagens, para que assim cada decisão precise de uma ponderação prévia e um cálculo mental em relação aos demais personagens.

Para realizar “Você Decide”, solicitamos que a classe se organize em grupos para "formarem a melhor seleção possível" e que ao fim, se preparem para justificar aos seus colegas a seleção. Previamente, cada pibidiano se responsabilizou por problematizar um personagem específico e quando se sucedeu a discussão, conforme as equipes explanavam as razões de suas escolhas, os questionamos, incitando a reflexão. Prosseguindo com o primeiro exemplo, a Esposa do Médico foi excluída por diversos grupos por conta de sua situação





mental, “Ela é louca!” e “Ela vai servir para que com uma cabeça dessa?”, e utilizando de sua descrição perguntamos para os respectivos times quais pontos do texto delimitavam que a Esposa do Médico era uma paciente do hospital psiquiátrico, e não uma profissional?

Portanto, em consonância com o letramento crítico de Kleiman (2005), nossa tarefa não era entregar de antemão a resposta, todavia guiá-los a olhar de forma questionadora o que se dava “como pronto” no texto. Em diversos momentos, discussões acerca da tomada de decisão de uma equipe afluíram na turma, sempre de maneira respeitosa. Ao fim de “Você Decide”, explicamos o formato argumentativo da redação e pedimos que, individualmente, cada estudante escrevesse uma redação sobre o tema: “Os obstáculos enfrentados na promoção da diversidade e inclusão nas escolas”, utilizando os levantamentos feitos em sala sobre os personagens para embasar suas propostas, reconhecendo seus saberes (Freire, 2009).

Dando continuidade às ações pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do pensamento crítico e protagonismo estudantil, as aulas do 2º ciclo abordaram a temática Inteligência Artificial na Educação, propondo articular o tema com o gênero textual depoimento. A proposta de júri simulado é utilizada como estratégia de promover a reflexão crítica e a construção do conhecimento de forma colaborativa. Assim como a atividade anterior, o foco permaneceu na participação ativa dos estudantes, valorizando seus repertórios socioculturais e suas experiências prévias, conforme apontam Kleiman (2008) e Rojo (2004) ao defenderem que a aprendizagem da língua deve ocorrer em práticas reais de uso.

Nesse contexto, a primeira proposta da prática consistiu na leitura de um texto jornalístico intitulado “Especialistas destacam prós e contras da inteligência artificial na educação”, disponível no *site* do Correio Braziliense. A leitura desse texto serviu como base para as discussões em grupo, possibilitando encontrar diferentes perspectivas – desde a facilitação da aprendizagem até os riscos éticos relacionados à substituição docente e à manipulação de dados. Esse momento dialógico, como destaca Freire (2009), constitui-se como ato de libertação, na qual o aluno deixa de ser somente espectador e passa a se tornar autor dos seus discursos.

Após as discussões coletivas sobre os prós e contras da Inteligência Artificial na Educação, os alunos foram divididos em dois grandes grupos para a realização do júri simulado; cada grupo deveria defender seu ponto de vista, um contra e um a favor do uso de





Inteligência Artificial na Educação. Segundo Kleinman (2008), o ensino da língua materna deve estar orientado pela compressão da leitura e da escrita como práticas situadas, pois há

múltiplas formas de usá-las, em práticas diversas socioculturalmente e historicamente determinadas. Assim, mesmo de forma simulada, o júri foi utilizado como prática pedagógica adequada ao estudo do gênero textual depoimento, uma vez que se trata de prática linguística comum nesse contexto de comunicação na sociedade.

Sendo assim, os estudantes foram orientados sobre a dinâmica, conhecendo os papéis e funções dentro da atividade para assim terem clareza do objetivo da proposta do júri simulado. Após isso, os discentes tiveram o papel de dividir entre si as funções como advogado e testemunhas. O segundo momento foi realizado duas semanas depois, o júri simulado propriamente dito. Observamos que os grupos exploraram vários recursos para a sustentação dos discursos orais como documentos impressos, slides, vídeos – que utilizaram os espaços escolares e entrevistaram docentes para levantamentos de dados e depoimentos.

Essa proposta de atividade, que consiste em dividir a turma em grupos com posicionamentos opostos (a favor e contra um tema específico), revela-se uma estratégia pedagógica significativa. O objetivo central é promover o desenvolvimento de competências argumentativas e o pensamento crítico-reflexivo. Baseando-se em Freire (2009), que defende que o processo educativo deve estimular o diálogo e a problematização da realidade para que o estudante se veja como sujeito ativo do conhecimento, o júri simulado se mostra eficaz. Isso ocorre porque, ao assumirem papéis argumentativos distintos, os alunos são desafiados a analisar o tema a partir de múltiplas perspectivas, a buscar embasamento teórico e a defender suas ideias de maneira coerente e fundamentada.

Essa dinâmica pedagógica foi positiva ao promover autonomia intelectual, argumentação e pensamento crítico-reflexivo nos alunos, que ficaram satisfeitos com a proposta. No entanto, o desenvolvimento pleno da atividade foi limitado por desafios estruturais na escola, como a falta de recursos (apenas um laboratório de informática) e problemas de acústica e tamanho das salas de aula. Conforme Dewey (1950) e Moran (2018), essas carências de infraestrutura restringiram a qualidade das dinâmicas ativas, apesar dos resultados positivos nas competências dos estudantes.





A falta de recursos básicos adequados (como caixa de som, internet estável e apoio tecnológico) dificulta a ambientação e a apresentação de argumentos nas atividades, evidenciando um desafio recorrente de infraestrutura nas escolas públicas para a implementação de metodologias ativas. Segundo Moran (2018) e Dewey (1950), a tecnologia e ambientes flexíveis são essenciais para o sucesso e a aprendizagem significativa nessas abordagens, pois conectam teoria e prática. Assim, a carência de condições materiais limita o potencial crítico e participativo das atividades, restringindo o desenvolvimento pleno das competências esperadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi apresentado, as intervenções desenvolvidas no âmbito do PIBID superaram o baixo engajamento e o receio de errar dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa, fenômenos que os impediam de exercer o protagonismo no próprio aprendizado. A atividade "Você Decide" foi a estratégia central, ao contextualizar o gênero dissertativo-argumentativo em um cenário lúdico e complexo, forçando os alunos a justificar e ponderar escolhas morais. Isso transformou o silêncio inicial em um debate ativo e respeitoso.

Essa abordagem dialogada com a participação ativa dos alunos, alinhada com os preceitos de Freire (2009), Kleiman (2008) e Rojo (2004), reconheceu o aluno como sujeito de conhecimento e utilizou o questionamento (e o erro) como motor de reflexão. As atividades demonstraram que a superação da passividade e o desenvolvimento da argumentação oral e escrita são alcançados ao se criar um ambiente que valoriza o saber prévio e estimula o pensamento crítico autônomo.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. *et al.* **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. **Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas**. E-Mosaicos, V. 7, P. 3-25, 2019.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.





X Encontro Nacional das Licenciaturas

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, M. S. **PIBID Letras/2024**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO, *Campus Palmas*, TO. Canva. 30 nov. 2024. Apresentação de slide. 16 slides. color. Reunião inicial da equipe do projeto.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Editora da UFRGS, 2009.

KLEIMAN, A. B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 25–45.

MORAN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas – Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa, v. II, p. 15-33, 2015. Disponível em: <http://uepgfocafoto.wordpress.com/>. Acesso em: 19 out. 2025.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: InterLivros, 1973.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em congresso realizado em maio de 2004. Disponível em: roxane\_rojo.pdf <https://share.google/IKkCd9QKd28ZIIAgg>. Acesso em: 19 out. 2025.

SEBASTIÃO, M. P.; PESCE, L. **Resenha da obra "Cibercultura" de Pierre Lévy**. TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, São Paulo, n. 3, p. 65-71, 2010.

TOCANTINS. Secretaria de Educação – SEDUC. Centro de Ensino Médio de Taquaralto. **Projeto Político-Pedagógico**. Palmas, TO, 2023.

